

ANIVERSÁRIOS: COMEMORANDO RECORDAÇÕES

Mayara Michele Santos de NOVAIS¹
(Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS)
E-mail: flormichele@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo desse trabalho é analisar alguns elementos de forma e conteúdo em alguns poemas de Ruy Espinheira Filho que retratam sobre o aniversário do eu lírico, momento de reflexão sobre a passagem dos anos e reconhecimento das perdas obtidas com o tempo. Percebemos nos poemas a relação da memória como eixo central, no entanto nos poemas espinheirianos esta não aparece como uma instância tranquila, visto que o eu lírico não é nostálgico, não deseja retornar ao passado, mas vale-se da memória para resgatar elementos da sua vida, tentando conhecer a si mesmo por meio do seu passado, ainda que aparente melancólico ao recordar-se. Reconhecemos que mesmo com a utilização da memória, não há como voltar ao passado tal como ele foi, uma vez que a memória será sempre seletiva. A hipótese que procuramos defender é que com o passar do tempo nos resta “um tesouro de ausências”, visto que as perdas são inevitáveis e que o passado pode revelar conflitos não solucionados, provocando dor ao ser revisitado. Nos poemas do poeta baiano, que representam os aniversários, nos deparamos com uma memória que ainda dói ao ser rememorada, presentifica o passado e que é o elemento constitutivo da sua lírica.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Aniversário; Poesia; Ruy Espinheira Filho.

Na comemoração de aniversários, as experiências e passados acumulados também participam da “festa”. No caso específico, percebemos que o eu lírico espinheiriano vê nesse evento uma forma de transmitir suas recordações, anseios e certezas de perdas. Ao pensarmos sobre conceitos de memória, nos deparamos com a visão de Fonseca-Silva, para quem:

A memória é uma coleção de quadros mentais formados a partir de impressões dos sentidos, mas acrescida do elemento tempo: as imagens mentais da memória formam-se não da percepção de coisas presentes, mas de coisas passadas. A reminiscência é tomada como uma faculdade do intelecto e a memória como uma potência da alma. (FONSECA-SILVA, 2007, p. 12-13).

As reminiscências correspondem às lembranças vagas que, no entanto, não são esquecidas, constituindo percepções da memória. Na data de aniversário, o eu lírico exprime suas angústias, como em “Soneto da Tarde”, no qual afirma que aos cinquenta anos o sujeito

¹ Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS). Orientanda do professor doutor Aleilton Fonseca. Bolsista pela FAPESB. Especialista em Literatura Brasileira: Formação do cânone e contrapontos críticos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

poético é movido pelos cansaços e pela memória, já que o esquecimento não ocorre, mesmo com o passar dos tempos fatigados.

O que sei é o que sinto em mim: cansaços,
nesta tarde. Afinal, cinqüenta e um anos
são uma era. E que outros mais anos
ainda restam, e que mais cansaços?

Cansaço de falar destes cansaços...
Mas, que fazer? Esse cultivo de anos
(uns frutos sempre desiguais, os anos)
só gera uma colheita de cansaços.

E é assim. E a tarde vai passando
sobre os muros e em mim, que envelheço
enquanto, entre cansaços, vou pensando

(e isto é tudo, em suma, reconheço)
que o que sei é que nada está voltando
e faz tempo demais que não te esqueço.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 305).

Podemos então, logo de início imaginar que a lírica muitas vezes vale-se da memória, que “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47) para resgatar e atualizar o passado no tempo presente, reconhecendo que não tem como se esquecer momentos presos na memória.

No poema “Aniversário”, publicado no livro *Poesia reunida e inéditos* (1998), é preciso ressaltar a contradição aparentemente existente entre o título e o conteúdo do poema. De início imaginamos que aniversário é um momento de alegrias, de festejos, presentes, comemoração, pessoas e coisas queridas por perto, votos de felicidades e muitos anos de vida, enfim, algo prazeroso. Percebemos ao ler o poema:

ANIVERSÁRIO

Metade do tempo consumada
ou ainda mais.
No peito, a mesma fome, a mesma sede
do menino, do rapaz.
O mesmo olhar perplexo
o mesmo
sem resposta
gesto crispado interrogando.

(É dezembro
e noite e abro a janela
e vejo outras janelas iluminadas.
Ali há vida, como na rua, como
no campo e no mar e nos velozes
aparelhos que cortam o espaço

e
talvez
noutros planetas e universos.
Como há incontáveis séculos e
provavelmente
amanhã. Mas tudo rápido
demais
que nem nos podemos saber
e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.)

Perdi colegas, namoradas, cães.
Perdi árvores, pássaros, perdi um rio
e eu mesmo nele me banhando.
Isto o que ganhei: essas perdas. Isto
o que ficou: esse tesouro
de ausências.

(A noite avança, e as janelas
aos poucos
se apagam. No silêncio
meu coração permanece
iluminado. Eis que trabalha, fiel,
mesmo quando revela
a si mesmo em breve imóvel
ou, depois, a última estrela
sem testemunhas
no céu final.)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150-151).

No entanto, observamos no decorrer do poema um conflito no ar, uma solidão do aniversariante. Na data em que ele “deveria” estar acompanhado; ele se encontra ensimesmado, reflexivo e, em vez de ganhar presentes, ganha ausências e perde conquistas, como expresso pelas palavras líricas: “Isto o que ganhei: essas perdas. Isto/ o que ficou: esse tesouro/ de ausências” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Essa aparente oposição é vista em outros poemas de Espinheira Filho, como exemplo o poema “Tempo perdido” que diz que no tempo perdido “recupero, enfim,/ tudo o que perdi/ no meu tempo ganho” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 16). E com o tempo, ganha-se mais experiências e perde-se cada vez mais vida, pessoas, momentos que não retornam.

Partindo da forma, observamos que o poema foge aos padrões convencionais da literatura (em que obrigatoriamente um poema, para assim ser considerado, necessitasse de rimas e métricas), apresentando uma linguagem em tom coloquial, com elementos comuns à fala. O discurso poético é elaborado sob a perspectiva de um eu lírico masculino que relata sua história baseada nos acontecimentos que lhe vêm à memória no momento atual.

O poema “Aniversário” possui 4 estrofes. A primeira tem 8 versos; a segunda, 16 versos; a terceira apresenta 6; e a quarta estrofe, 10 versos, os quais são livres e brancos, ou seja, não apresentam rimas nem métricas. Apesar desta liberdade, há uma organização peculiar de suas estrofes e versos. Eles se apresentam em forma contínua, um verso completa o sentido do verso anterior, ou seja, encavalgamento ou enjambement, uma “construção sintática especial que liga um verso ao seguinte, para completar seu sentido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 63). Notemos alguns exemplos no poema de Espinheira Filho (1998): “(...) No

silêncio/ meu coração permanece/ iluminado (...)" (p. 151); "Mas tudo rápido/ demais/ que nem nos podemos saber" (p.150), entre outros.

É plausível notar a presença de verbos no presente e no pretérito, usados pelo eu lírico para tentar demonstrar de quais momentos são retratados. O poema expressa a ideia de perdas que existem com o passar dos anos, como consequência da ação de viver, o que denota aparentemente estarem muitos dos fatos ocorridos presentes apenas na memória.

Em relação ao conteúdo, podemos dizer que se trata de um sujeito que depois de certo tempo de vida encontra-se sozinho, consciente das perdas que sofreu, acompanhado apenas de sua memória e de si mesmo.

Um aspecto relevante no poema é o uso de parênteses para tratar de possíveis ações presentes, e quando este recurso não é utilizado parece falar de certezas do sujeito lírico, como exemplo sua história passada, suas perplexidades, suas perdas, sua tristeza, segundo ele "(É dezembro/ e noite e abro a janela/ e vejo outras janelas iluminadas...)" (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150), e ainda, "(A noite avança, e as janelas/ aos poucos/se apagam...)" (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Além disso, é notória a constância do conectivo "e" na segunda estrofe, conectando as ideias, pensamentos, como se estas fossem formadas no instante atual, unindo a fala à escrita, pois ao falarmos nos valem das estruturas sindéticas aditivas.

(É dezembro
e noite e abro a janela
e vejo outras janelas iluminadas.
Ali há vida, como na rua, como
no campo e no mar e nos velozes
aparelhos que cortam o espaço
e
talvez
noutros planetas e universos...)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

No poema de Ruy Espinheira Filho nos deparamos com um eu lírico masculino que logo na primeira estrofe já afirma sobre sua vida e uma certa experiência, ao mesmo tempo possui o desejo em continuar vivendo sua juventude.

Metade do tempo consumada
ou ainda mais.
No peito, a mesma fome, a mesma sede
do menino, do rapaz.
O mesmo olhar perplexo
o mesmo
sem resposta
gesto crispado interrogando.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

Apesar do tempo, o sujeito poético percebe que há indagações sem respostas, e devido à incompreensão de certas coisas este fica pensativo, incrédulo. A atitude de franzir a testa, de

interrogar-se, faz com que percebamos uma preocupação do sujeito, um passado não tão perfeito e um presente não tão promissor; portanto, há um impasse do eu lírico frente a si próprio e ao mesmo tempo com o mundo em que ele vive.

Sabemos que o aniversário do sujeito lírico é em dezembro, o momento de sua fala ocorre no período noturno e, ao abrir a janela, ele provavelmente possa abri-la para contar sua história, expor através da memória. O sujeito poético divaga sobre a brevidade da vida; reconhecendo que a morte é a única certeza. Este sabe que a vida é rápida e incerta, o que ocasiona algumas dúvidas ainda existentes:

Como há incontáveis séculos e
provavelmente
amanhã. Mas tudo rápido
demais
que nem nos podemos saber
e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

Assim, é retratado a incógnita que é viver e morrer, desde séculos todos buscam a resposta para as questões “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” e no mundo em que as relações entre as pessoas são rápidas, nem sempre paramos para tentar entender a existência, a vida, a morte, mas o eu lírico do poema “Aniversário” se indaga. O eu lírico pertence ao sistema vigente, mas escapa, buscando pela memória, de forma melancólica, descobrir suas dúvidas, muitas delas, sem respostas. É digno de nota a ideia de “escuro” como algo misterioso; logo, o eu lírico sente que vida e morte são elementos incompreensíveis até então, daí todos viverem “sem sentido”, vindo a falecer da mesma forma, devido esse “escuro”, a “não compreensão”.

Como já percebemos pelo título, no seu aniversário, um ano mais velho, o sujeito começa a “rever” sua vida e chega à conclusão de que muito perdeu, de que com o tempo conquistou muitas coisas, mas elas foram desaparecendo, ficando a melancolia, o sentimento de vazio, de tristeza pelo que perdeu sem muitas vezes saber ao certo o que dói, o que foi perdido. Nesse caso, até o próprio eu lírico não é mais o mesmo, fluiu, ganhou experiências, se esqueceu, enfim, modificou-se, seja fisicamente ou no seu interior; afinal, o rio flui, a água escorre, sendo que ninguém se banha duas vezes na mesma água de um rio assim como ninguém permanece igual com o tempo, tudo passa, restando apenas lembranças.

e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.
Perdi colegas, namoradas, cães.
Perdi árvores, pássaros, perdi um rio
e eu mesmo nele me banhando”

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

Na data de aniversário costumamos ganhar presentes e tentamos esquecer as tristezas. No entanto, o que o eu poético ganha são as perdas com a vida, o que denomina de “tesouro de solidão”. Há, portanto, uma contradição entre ganhar e perder; presença e ausência, ou quem sabe, uma não exista sem a outra.

Em poemas como “Soneto a dez dias de completar 60 anos” e “Outro aniversário”, o eu lírico expressa “ – tudo valeu. Um vinho que chora os vinhos/ idos em que se embriaga:

estas saudades” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 118) e “Sessenta e cinco navegações/ completas/ em torno do Sol” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 157), respectivamente. No momento de comemorar é quando o eu lírico mais fica pensativo, reflete sobre sua existência, seus feitos e percebe que há muita saudade armazenada.

Podemos perceber a memória como algo restante para esse sujeito, já que a lírica expressa seus anseios além da visão melancólica. Nesse sentido, ele se isola. Perceber estas perdas é conseguir se descobrir, revelar suas conquistas e desencantos.

“Aniversário” é um poema espinheiriano comparável ao poema do poeta Fernando Pessoa, que tem o mesmo título, e é escrito por meio do heterônimo Álvaro de Campos. O poema pessoano também retrata o eu lírico memorialístico e melancólico, recordando o passado ao mesmo tempo em que reconhece as perdas e mortes obtidas com os anos.

ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas
lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com

mais copos,
 O aparador com muitas coisas — doces, frutas o resto na sombra debaixo do
 alçado —,
 As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
 No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
 Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
 Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
 Hoje já não faço anos.
 Duro.
 Somam-se-me dias.
 Serei velho quando o for.
 Mais nada.
 Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

(PESSOA, 1972, p. 379).

Entrevistado pela revista *Muito*, do jornal *A Tarde*, Ruy Espinheira Filho é perguntado sobre os motivos centrais da sua poesia, como as perdas, a brevidade da vida, a morte, e como o poeta pensa sobre isso fora dos versos. No periódico o escritor responde, usando o próprio poema de Pessoa como marco para sua poesia:

As perdas são, talvez, as piores experiências do ser humano. Me lembro de um verso de Fernando Pessoa: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, eu era feliz e ninguém estava morto”. Isso é uma maravilha, *Aniversário*. No início, ninguém está morto: pai, mãe, tios, irmãos, amigos. Depois começa o périplo das perdas, você vai ficando cada vez mais empobrecido, ao tempo em que vai se enriquecendo dessas perdas, que vai lhe dar uma dimensão diferente. Bandeira dizia: com o tempo o coração da gente vai se transformando num cemitério. Então, essas perdas vão lhe marcando a vida toda, e você sabe que vai ser sempre assim, até um dia que a perda é você próprio. Aí você não vai perder mais nada, mas alguém vai perder alguma coisa em você. Minha convivência com os mortos é mais intensa do que com os vivos. Não tem jeito. (DIAS, 2008, p. 16-17).

O eu lírico sabe que há outras vidas próximas da sua, mas aos poucos elas se esvaem, e ele só, com seu coração, permanece. Percebemos o escuro, a solidão e o fechamento do eu poético tão como dos outros que o cercam, numa metáfora das janelas apagadas. Por outro lado, cada ser vive situações parecidas, seja com seus recordares, dores ou alegrias, ainda que sem testemunhas.

(...). No silêncio
 meu coração permanece
 iluminado. Eis que trabalha, fiel,
 mesmo quando revela
 a si mesmo em breve imóvel

ou, depois, a última estrela
sem testemunhas
no céu final.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Deste modo, a morte e a vida “caminham” juntas e, com o passar do tempo, o que resta são apenas lembranças. Há uma perda de tudo, inclusive da vida. Essas perdas são inerentes ao ser humano, faz parte da experiência existencial, do aprendizado, mas não há um desejo de retorno ao passado, há um ser pensativo, que reconhece o que restou: um “tesouro de ausências”, uma vida “sem testemunhas”, um sujeito em “silêncio” vivendo num tempo em que tudo é “rápido demais” e que a memória é um local em que as lembranças podem aflorar.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DIAS, Marcos. Abre aspas: Ruy Espinheira Filho escritor. **A tarde Muito**, Salvador, número 37, p. 12-18, 14 dez. 2008.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Poesia reunida e inéditos**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Elegia de agosto e outros poemas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Sob o céu de Samarcanda: poemas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírío (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 11-37.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1985, p. 57.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar, 1972.